

PRÓXIMO FUTURO

workshop, "Estado das Artes em África, na América Latina e nas Caraíbas" 11 e 12 de Maio

CASAS PARA UM PLANETA PEQUENO

ARTE, ARQUITECTURA E TERRITÓRIO,

A CONDIÇÃO URBANA CONTEMPORÂNEA DOS MUSSEQUES EM LUANDA

Margarida Louro e Francisco Oliveira¹



Luanda, 2008 (Francisco Oliveira)



Modelo urbano - proposta, 2009



Imagen de videograma, 2010/2011

RESUMO

Casas para um Planeta Pequeno, assume-se como uma investigação sobre a contingência contemporânea de crescimento e densificação urbana, propondo através da reflexão de um contexto particular: os *musseques* de Luanda, uma abordagem crítica que promova soluções potenciadoras de novas urbanidades emergentes, onde interagem diversas escalas e campos de expressão. De facto os *musseques* como paradigma da cidade informal preconizam um caso potencial de reflexão e intervenção perante a aceleração de concentração e crescimento populacional em condições desqualificadas. O grande objectivo desta investigação é assim a proposta de unidades habitacionais autónomas e sustentáveis entre a arte, a arquitectura e o território, que impondo novas lógicas de implementação promovam, a partir de potencialidades locais, soluções de espaço qualificado.

COMUNICACÃO

Casas para um Planeta Pequeno - Arte, Arquitectura e Território, A Condição Urbana Contemporânea dos Musseques em Luanda enquadra-se num projecto de investigação desenvolvido no Centro de Investigação em Arquitectura, Urbanismo e Design da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa sob a coordenação dos docentes e investigadores Margarida Louro e Francisco Oliveira.

Foi perante o desafio colocado pelo programa PRÓXIMO FUTURO e do âmbito deste workshop sobre o "Estado das Artes em África, na América Latina e nas Caraíbas", que resolvemos evidenciar esta relação entre arte, arquitectura e território, a partir da temática urbana dos *musseques* em Luanda e da visão prospectiva, criativa e critica que sempre orientou a nossa investigação.

A apresentação desta temática estrutura-se assim em três partes fundamentais. Uma primeira sobre a estrutura do projecto de investigação, a sua origem, os seus objectivos e a sua metodologia; outra parte sobre os conteúdos já então concretizados e em realização, corporizadas tanto na publicação de um livro, como na realização de duas exposições, uma no ISCTE e outra na FA-UTL; e finalmente uma terceira parte em formato de videograma, onde a partir de uma exposição centrada na imagem e no som se apresenta um processo criativo de construção crítica que integra o território, a arte e a arquitectura.

1. ESTRUTURA DO PROJECTO:

O projecto de investigação *Casas para um Planeta Pequeno – Modelos Habitacionais em Territórios de Macro Povoamento Informal*, teve a sua origem no 6º Seminário Internacional de Arquitectura promovido pelo CIAUD na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa em Julho de 2008, no qual nos foi proposto coordenar um workshop que intitulamos *Casas para um Planeta Pequeno* e que abriu o tema da discussão sobre os contextos urbanos de macro povoamento informal. Nesse sentido propusemos uma reflexão abrangente sobre quatro territórios de estudo nos quais se inseriam as favelas do Rio de Janeiro, os *musseques* em Luanda, as habitações em barco em Hong Kong e a ocupação dos cemitérios em Manila.

A partir desta experiência formalizou-se uma reflexão que reuniu alunos e professores de instituições portuguesas e estrangeiras que de certo modo deram corpo a esta proposta de investigação que acabou por se consolidar num projecto e que elegeu como caso de estudo: os *musseques* em Luanda. Deste modo, um processo de reflexão e discussão crítica que acabou na publicação de um livro em Dezembro de 2009, que por sua vez incentivou a preparação de uma exposição a convite da comissão científica do 1º CIHEL – 1º Congresso Internacional de Habitação em Espaço Lusófono, e que acabou por acompanhar o evento que teve lugar em Setembro passado no Centro de Congressos do ISCTE. Exposição esta que se prolongou pelo Espaço Rainha Sonja da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa entre Outubro e Novembro de 2010.

Enquadrado por esta origem e desenvolvimento, o âmbito deste projecto parte do crescimento da população mundial nas últimas décadas, e a sua acentuada concentração em zonas urbanas, como o impulso privilegiado na reflexão sobre qual o estatuto do pensamento actual (enquanto conceito alargado entre a arte, arquitectura e território) em termos de eficácia e operatividade perante esta nova problemática.

Os estudos desenvolvidos pelas Nações Unidas, no âmbito das perspectivas sobre o crescimento da população mundial para os próximos 30 anos, estimam como aspectos determinantes, os fortes desequilíbrios entre o crescimento da população urbana e rural e a sua distribuição, acentuando-se cada vez mais as distâncias entre as regiões mais ricas e mais pobres do globo.

De facto, se no início do século XX, cerca de 10% da população mundial vivia em cidades, em 2000 esse valor chegou aos 2,86 biliões de habitantes, ou seja cerca de 47%. As projecções de crescimento dos próximos 30 anos, prevêem que em 2030, cerca de 60% da população mundial, viva em núcleos urbanos, e que esse crescimento seja fundamentalmente absorvido pelas regiões urbanas mais pobres do globo terrestre. Em contrapartida o crescimento da população rural terá um crescimento mais lento, à taxa de 0,2% por ano entre 2000 e 2030. Assim e relativamente às regiões mais desenvolvidas a variação de população urbana entre 2000-2030 será de cerca de 0,9 biliões para 1 bilião e de população rural de 0,29 biliões para 0,21 biliões. Em contrapartida, nas regiões menos desenvolvidas o crescimento de população urbana entre 2000-2030 será de cerca de 1,96 biliões para 3,98 biliões e de população rural de 2,9 biliões para 3,08 biliões.

A tendência em termos gerais será para uma crescente concentração urbana em detrimento da concentração rural. Se este aspecto levanta questões de diversas índoles em termos de planeamento urbano, um dos aspectos pertinentes é exactamente qual a governabilidade desses lugares em termos de eficácia e enquadramento num contexto cada vez mais amplo e complexo. Deste modo, as diversas reflexões contemporâneas sobre as problemáticas da cidade, marcam passo na introdução de novas etapas de levantamento, prospecção e projecção crítica sobre a sustentabilidade dos lugares, em especial sobre os grandes centros urbanos nos quais os contextos subdesenvolvidos de grande densidade populacional tomam evidentemente um destaque primordial.

Casas para um Planeta Pequeno, assume-se assim como ponto de partida sobre a investigação desta contingência contemporânea de crescimento e densificação urbana,

propondo através da reflexão de um contexto particular: os *musseques* de Luanda, uma abordagem critica que promova soluções práticas e potenciadoras de novas urbanidades emergentes, onde interagem diversas escalas a campos de expressão. De facto os *musseques* como paradigma da cidade informal preconizam um caso potencial de reflexão e intervenção, onde a aceleração de concentração e crescimento populacional em condições desqualificadas de sustentabilidade e habitabilidade urbana imprimem a necessidade de soluções concretas e eficazes.

O grande objectivo deste projecto é assim a proposta de unidades habitacionais autónomas e sustentáveis entre a arte, a arquitectura e o território, que impondo novas lógicas e estratégias de implementação promovam, a partir de potencialidades locais, soluções de espaço arquitectónico/urbano qualificado e integrado numa visão crítica sobre as contingências contemporâneas na sua condição de forte densificação e saturação.

A estrutura metodológica do trabalho de investigação definiu-se em três patamares específicos:

Uma Fase 1, de enquadramento crítico geral e específico. Esta primeira fase, assume como objectivo geral a fundamentação da problemática abordada. Tanto em termos gerais focando o crescimento da população mundial e respectivos assentamentos informais como delineando uma consciência operativa sobre a realidade específica abordada: os *musseques* de Luanda.

Uma Fase 2, sobre diagnóstico/modelos. Onde, a partir da consistência obtida na 1ª fase da investigação, foram definidos pressupostos de trabalho para a concretização de modelos optimizados de habitabilidade mínima. Este grande objectivo foi por um lado objectivado na construção de um programa tipo que determinou os pressupostos e as directrizes de concepção de modelos habitacionais em especial da tipologia abordada – a casa dos *musseques*.

Finalmente uma Fase 3 sobre a operatividade das estratégias. Esta última fase preconiza uma aplicação prática dos modelos teóricos aferidos, elegendo no contexto específico da realidade analisada (*musseques* de Luanda) um território que teste a aplicabilidade dos modelos nas suas diversas vertentes: construtiva, implantação, expansão, crescimento, etc...). Esta fase incorporará contributos da viabilidade sustentável das propostas na sua dimensão alargada: materialidade, contexto urbano – espaço público. É no fundo a viabilização intra-escalas que optimizará a eficácia do projecto de investigação fomentando bases a novas investigações futuras. Nesta fase aguarda-se ainda, (em termos de patrocínio e financiamento) a possibilidade de viabilizar construtivamente a execução de um protótipo como modelo piloto de aplicação da abordagem.

Em síntese, perante o grande desafio lançado em investigar modelos habitacionais para territórios de macro povoamento informal a estratégia de trabalho preconizou-se em três fases de trabalho encadeadas temporalmente e que focam numa primeira etapa o enquadramento critico da problemática tanto na sua índole mais geral de casos de estudo comparados como específica preconizada na eleição de uma realidade: os *musseques* de Luanda. Uma segunda fase de diagnóstico e produção de modelos, que corresponde à fase central da investigação, procurando tanto a abordagem teórica mais geral de reflexão sobre a habitabilidade básica como da sua projecção prática a uma realidade específica (*musseques* em Luanda). Chegando a uma fase final de operatividade das estratégias que procurará testar os resultados anteriormente obtidos, aplicando a investigação efectuada a um contexto concreto da realidade dos *musseques*.

Ou seja partindo do grande tema que é a problemática e a urgência de pensar os assentamentos informais, este trabalho propõem um estudo teórico integrado que embora promova a abordagem de soluções mais abstractas e de certo modo passíveis de serem aplicados a outras realidades futuras, propõem a partir do estudo de um caso concreto a viabilização dos pressupostos e das premissas alcançadas nas diversas fases de trabalho. A metodologia é portanto uma abordagem integrada de diversas escalas e naturezas de

trabalho que confronta a unidade habitacional com o território, a abordagem geral e abstracta com a interacção local.

2. INVESTIGAÇÃO REALIZADA (imagens – ver ANEXO 1 e ANEXO 2):

No seguimento das actividades de investigação desenvolvidas durante o primeiro ano de investigação (2009), formalizou-se a proposta de publicação de um livro. Este livro desenvolvido pelos investigadores do CIAUD: Margarida Louro, Francisco Oliveira, Ana Marta Feliciano, António Leite e Amílcar Pires, reuniu uma grande parte da investigação sob o título: *Casas para um Planeta Pequeno: Projecto – Angola – Habitar XXI, Modelos Habitacionais em Territórios de Macro povoamento Informal*, e formaliza uma parte do estudo em torno dos objectivos traçados e da ideia de especificar uma área de estudo. É para além disso uma abordagem crítica à tipologia de habitação abordada – a casa dos *musseques*, à sistematização edificada e urbana e sobretudo um preâmbulo à viabilidade construtiva do modelo de casa que preencheu os últimos momentos da investigação e dá corpo à nossa actual intenção de conseguir construir um protótipo.

Sobre o território – A escala da cidade informal

Actualmente, a população de Luanda ronda os 6 milhões de habitantes, estimando-se que três quartos desse dessa população viva em *musseques*, habitações precárias que se estendem indefinidamente para além dos limites da cidade planeada, corporizando uma vasta mancha continua de cidade informal. Na sua origem, *mussequé* significa “terra vermelha” por associação à cor da terra onde se implantaram originalmente as primeiras habitações de cariz informal, em torno da cidade de Luanda, passando mais tarde a designar cada agrupamento étnico que habita em larga escala esse território. A maioria da população destes lugares são originárias de famílias desalojadas e sem recursos, agrupadas segundo as suas origens rurais num novo espaço social em constante crescimento e transformação. Esta génesis de ocupação do território através da aglomeração de população rural no espaço envolvente do centro da cidade estruturou ao longo dos tempos a sedimentação urbana e fundamentou o próprio crescimento da capital.

De facto, a partir dos anos 60, com a evolução da construção civil e desenvolvimento da indústria, a migração aumentou de forma significativa e os estratos económicos mais desfavorecidos passaram a constituir a camada social mais representativa de Luanda, ocupando em massa a periferia da cidade. Em 1974, Luanda contava com quase meio milhão de habitantes, conseguindo-se distinguir então três zonas de *musseques*, organizadas segundo as linhas de expansão da cidade: a Este, os *musseques* mais antigos de Sambizanga, Mota, Marçal, Rangel e Cazenga; a Sul, Calemba, Cemitério Novo e Golfe e a Sudoeste, Catambor e Prenda.

Musseques – Características gerais

Apesar da construção de *musseques* ter envolvido a cidade de Luanda numa mancha contínua, anónima e aparentemente uniforme, é possível dizer que existem variáveis de identidade que alteram a sua estrutura e configuração. A morfologia do *musque*, pela ocupação das suas casas, muros, ruelas, etc., define padrões territoriais concisos, com lógicas implícitas que inspiram tipos de urbanidade diversas. A exploração pictórica e gráfica desses diversos tipos de ocupação, assumiu-se como mote estratégico na fundamentação da ideia urbana e versatilidade do conceito de cidade que pautou a presente investigação. Sediada na unidade base do bairro e da dimensão de referência de 800x800 metros, a selecção dos exemplos de Rangel, *Mussequé 1* e *Mussequé 2*, objectivaram posteriormente diversos níveis da pesquisa a partir desses três graus de proximidade ao centro, diversidades de ocupação e densidade de habitação, e consequente vocação de níveis de urbanidade (nível 1, nível 2 e nível 3).

Lógicas de organização espacial

A métrica espacial dos modelos teve por base uma malha ortogonal de 2,5m x 2,5 metros, desvelada tanto nas tipologias habitacionais propostas (subjacentes a lotes de 15x15 metros, 7,5x22,5 metros e 5x22,5 metros) como na estrutura viária ao nível dos perfis de vias contempladas (dimensões variáveis entre os 47,5 metros e os 7,5 metros de largura consoante a hierarquia correspondente).

Com base na lógica de organização dos modelos apresentados são distribuídas as várias tipologias habitacionais aplicáveis (habitação colectiva: lotes de 15 metros de frente de rua, habitação unifamiliar: lotes de 7,5 metros e lotes de 5 metros de frente de rua), partindo da dimensão de ocupação dos quarteirões – Q – e respectiva repartição das áreas dos lotes.

Todas estas hipóteses são exemplificativas da versatilidade das propostas apresentadas. No sentido de produzir a partir de unidades autónomas e conjugáveis, níveis de urbanidade diversas, de acordo com as potencialidades de acessibilidades definidas, níveis de proximidade ao centro e intenções de centralidade urbana delineadas para cada área do território urbano metropolitano envolvente a Luanda.

São portanto simulações exemplificativas dessas potencialidades, assumidas como abstracções de traçado que acabam por se objectivar em aplicações mais reais ligadas à territorialidade dos lugares, retomando, linhas de força de traçados preexistentes, vias, caminhos, estruturas de propriedade, etc... como exemplificam os modelos posteriores de viabilização, aplicados aos exemplos de Rangel, *Mussequé 1* e *Mussequé 2*.

A casa - tipologias

A estrutura de loteamento e a dimensão dos lotes suportada nessa lógica métrica, organizaram os diversos percursos viários e pedonais, também eles estruturados na malha de 2,5x2,5 metros.

As tipologias base definiram-se em panoramas variáveis que oscilam entre os T2 e T4 nas tipologias mais urbanas de 15x15 metros de lote, ou excedendo até capacidades mais elevadas de 4 a 10 quartos por casa nas tipologias unifamiliares o que permite flexibilizar quadros de ocupação mais ou menos densos, entre os 8 e os 36 habitantes por lote.

As habitações propostas, e em especial os modelos unifamiliares mais desenvolvidos nesta fase da investigação, obedecem à conjugação de alguns elementos que remetem para a questão da vivência no interior da habitação, do que é o espaço da casa e a importância do pátio, prevendo também futuras ampliações. Pretendendo manter algumas das características estruturais do modo de habitar actual, os modelos são compostos por cinco zonas tipo que se conjugam entre si: entrada/muro, alpendre, habitação, pátio e anexo.

Esta conjugação dos vários elementos permite não só recriar a vivência dos espaços que actualmente caracterizam a casa no *mussequé*, como permite futuras ampliações, tanto no núcleo central da casa (acrescimento de mais um piso com aproveitamento do desvão da cobertura) como no anexo, imprimindo flexibilidade de densificação da estrutura habitacional e potenciando mais ocupação em número de habitantes.

Execução – viabilidade construtiva

Toda a proposta de habitação teve por pressuposto a sua repetição no território, minimizando os custos na utilização de materiais e sistemas construtivos. Foram considerados dois níveis a esse respeito, um nível inicial que envolve as questões construtivas, englobando a estrutura, paredes e infra-estruturação, e outro posterior que define as possibilidades dos acabamentos. A utilização de tecnologias “low-tech” permite reduzir essencialmente tempo de construção e mão-de-obra, utilizando parâmetros estandardizados que possibilitam o desenvolvimento local de indústrias associadas.

Complementarmente, é fundamental referir que o projecto propõe o uso de materiais e tecnologias facilmente acessíveis a um contexto local, condições que visam permitir, de um outro modo, a dinamização social e económica por parte das economias locais e nacional,

seja pelo facto de proporcionar directamente a possibilidade de utilização de mão-de-obra local, factor que pode contribuir muito significativamente para a sustentabilidade económica das populações locais, seja pelo facto dos materiais e tecnologias propostos para a efectivação do modelo arquitectónico e urbano poderem ser dinamizadores de indústrias nacionais de enorme potencial económico, processo que poderá contribuir muito significativamente para o desenvolvimento sustentado da indústria angolana e, consequente, para a redução efectiva das importações e dependências do exterior.

É pois nesta ampla prospectiva de qualificação urbana, habitacional, social e económica que o projecto estabelece a sua fundamentação, valor e originalidade, pois a racionalização económica que propõe na sua fundamentação não se estabelece unicamente em questões imediatas e meramente quantitativas, procurando sim uma síntese original, complexa e sustentável de relações que conjugam o modo de vida, a minimização de custos e o dinamismo socioeconómico fundamentais à programática maximização de benefícios a curto, médio e longo prazo.

3. VIDEOGRAMA (imagens – ver ANEXO 3):

O programa PRÓXIMO FUTURO, e em especial este desafio do workshop sobre o "Estado das Artes em África, na América Latina e nas Caraíbas", abriu-nos a reflexão sobre o lugar da construtividade da nossa proposta neste domínio interdisciplinar da arte, do território e da arquitectura. O videograma que apresentamos reflecte no fundo essa posição crítica. Ele é em si mesmo e para nós neste momento a construção do projecto. O projecto desejado que projectamos para um futuro próximo. O projecto de mudanças, de novos eixos de interacção, sobre uma realidade em mudança e potenciadora de novas interacções.

Realçando um trecho da apresentação deste programa:

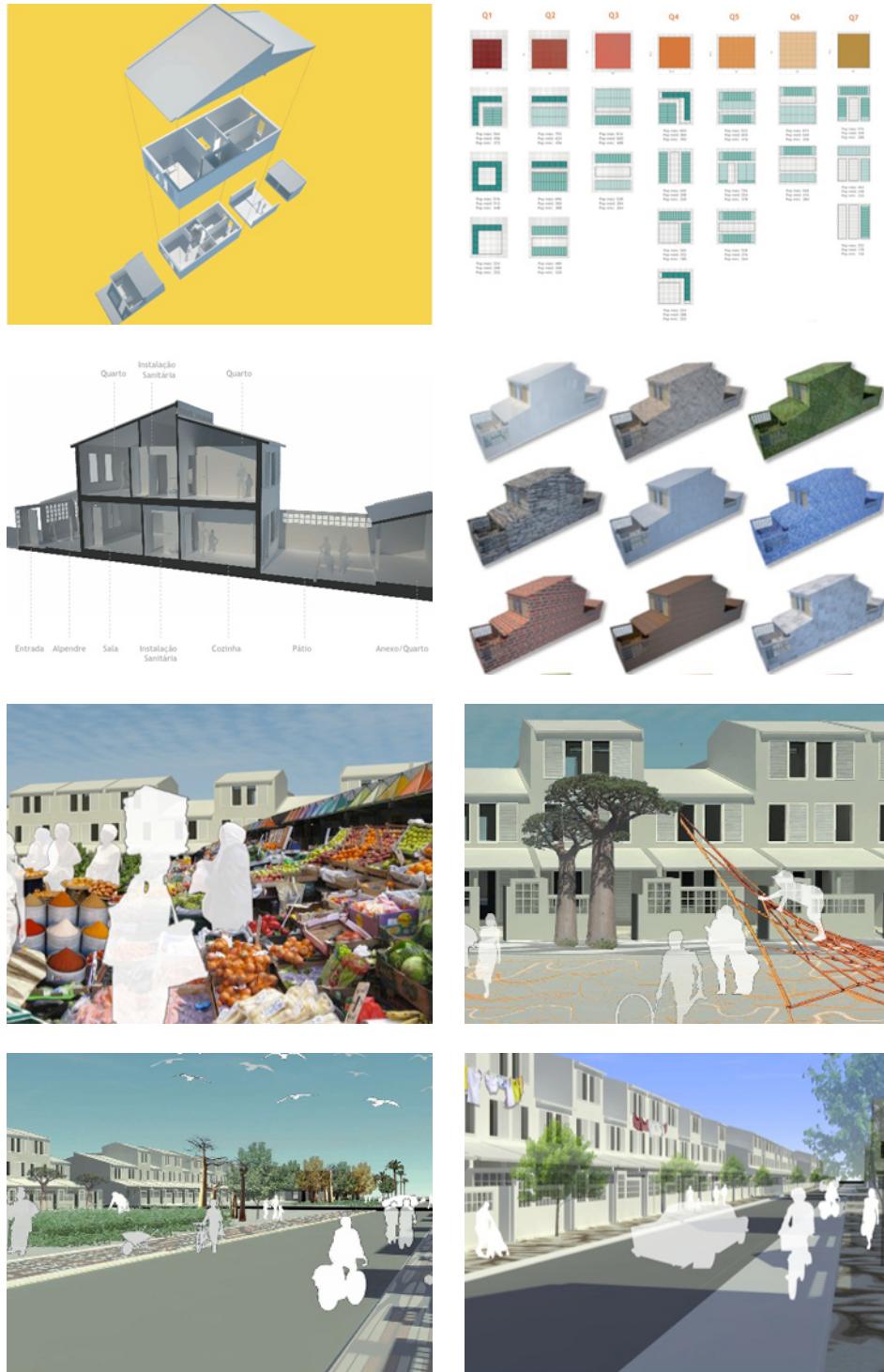
"O futuro existe e, apesar da imprevisibilidade e do acidente, podemos intervir para que nem tudo seja informação sem destinatário, actividade sem desejo de realização."

(António Pinto Ribeiro, site de apresentação do Programa Futuro Próximo - <http://www.proximofuturo.gulbenkian.pt/>)

É aqui que se insere o nosso contributo, o nosso desafio é uma proposta à experiência; à experiência de um projecto que reúne para além das questões de resposta a um problema concreto – a habitação, uma interacção disciplinar com áreas diversas, um estado da arte sobre a condição urbana contemporânea, um mote à estranheza e à alegria das artes...

ANEXO 1 – Livro

(Casas para um Planeta Pequeno: Projecto – Angola – Habitar XXI, Dezembro de 2009)

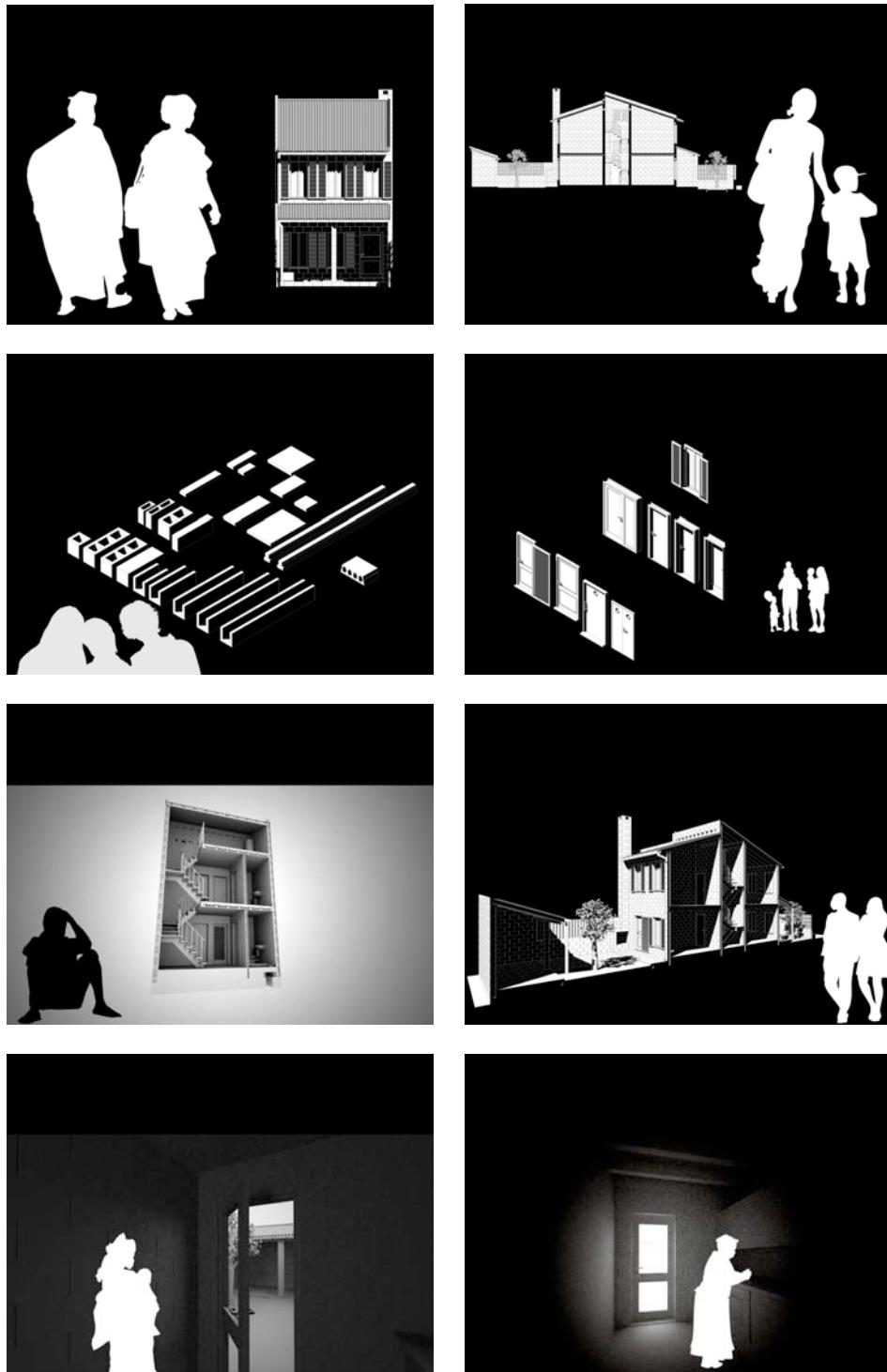


ANEXO 2 – Modelo tridimensional

(exposições realizadas no ISCTE e na FAUTL em Setembro/Outubro de 2010)



ANEXO 3 – Videograma
(Setembro/Outubro de 2010/Gulbenkian 2011)



¹ NOTAS CURRICULARES

Margarida Louro, Lisboa, 1970

Licenciou-se em Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa (FA-UTL), em 1993, onde obteve o grau de mestre em Cultura Arquitectónica Contemporânea e Construção da Sociedade Moderna, em Julho de 1998. Em Abril de 2005, termina o Programa de Doctorado en Urbanismo na Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona (ETSAB), com a defesa da tese de doutoramento *WWW.CIUDAD.CONSUMO – El Impacto de las Redes de Consumo en la reorganización del espacio urbano contemporáneo del Área Metropolitana de Lisboa*, obtendo o grau de Doctora por la UPC (Universidad Politécnica da Cataluña). Desenvolveu investigação de pós-doutoramento sob o tema *ACT_ Metamorfose e Transformação Urbana Contemporânea*, em parceira com a ETSAB-UPC e a FA-UTL. Desde 1997 que é docente na FA-UTL, onde tem lecionado sobretudo disciplinas de projecto, assim como tem desenvolvido actividade de investigação científica, em conjunto com outros docentes da FA-UTL.

Francisco Oliveira, Lisboa, 1970

Em 1993, licenciou-se em Arquitectura, pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa (FA-UTL). Obteve o grau de Mestre em Arquitectura da Habitação, pela FA-UTL, em 2001. Entre 2000 e 2008 frequentou o Programa de Doutoramento em Urbanismo na Universidade Politécnica da Catalunha. Em Outubro de 2008, obteve o grau de doutor na FA-UTL, com a defesa da tese *O Chão da Cidade – O plano esquecido: A Arquitectura do Chão e a Formação de uma Impressão Digital Urbana, o caso de Lisboa*. Foi bolseiro do Programa PRAXIS XXI no âmbito do Mestrado e Bolseiro de Investigação da FCT no âmbito do Doutoramento. É docente na FA-UTL desde 1999, na área das tecnologias, assim como tem desenvolvido actividade de investigação científica, em conjunto com outros docentes da FA-UTL.